

SETE COPOS DE VINHO

um conto de

Egídio Álvaro

Bom

No fim da semana toda a rapaziada escolhia um lugar para se divertir. A maioria não dispensava a sua garota, o seu amor, a sua certeza, o seu objecto, a sua tristeza, o seu ciúme, a sua preocupação, a sua posse, o seu ponto de apoio na vida, a sua única possibilidade de estar de acordo com o mundo. Alguns, que não tinham garota, passavam ~~um triste fim de semana~~ ^{na festa mundista} pesquisando, procurando, aventurando, perdendo-se em cédulos de possíveis conquistas fracasso, embalando no coração um amargo sentimento de tristeza, plantado nos cafés, nos cinemas, nos valles, nos encontros, nos jantares solitários.

*Ah ah ah
finais*

Havia também os que, tendo a sua garota -aqui, mulher- a guardavam cuidadosamente em casa ou, mais simplesmente, a esqueciam, adormecida ou ansiosa, ciumenta ou indiferente, ingénua ou demasiado cheia de experiências.

Artur, que era um apaixonado sem paixão, um sonhador de possibilidades, um louco da pureza, breve, um apóstolo -sem saber ainda de quê- acabava de assistir a uma peça de teatro magnífica, perfeita, colossal, e seguia, meditativo, solitário, rumo à Estrela.

O Tunhas bebera uma garrafa inteira de espumoso ao jan

tar e comera imenso, deixara a garota em casa, folheando umas va-
gas revistas de arte. Alegrote e bem disposto, com uma certa incli-
nação para a benevolência e a confissão, dirigia-se, resoluto, ao
encontro de uma boa farra, como nos velhos tempos.

Encontraram-se na Estrela e apertaram vigorosamente os
ossos.

Ah! Bons amigos.

- E se fôssemos beber um copo?-alvitrou o Tunhas

- Excelente ideia.-concorrou o Artur.

Primeiro copo de vinho

(que, aliás, era de boa qualidade, branco e meio-seco)

Havia uma gente louca -um bando de turistas- para lá
do balcão, tocando os copos, fumando em núvens, delirando em grupo.
Alegria corria a rodos como ouro, contra as viaragens do terraço.
Sorrisos saltavam das caras, em rugas inesperadas, e mãos encontra-
vam-se inocentemente.

- Tenho trabalhado como um louco, esta semana.-disse o
Artur- quase nem tenho tempo para comer.

- Ah, sim?

- Bem, tu sabes como eu durmo. Cavalaramente. Horas e ho-
ras, sem me fartar. Não sei se já te contei, também, os sonhos que
tenho ao acordar. Às sete horas da manhã, não importa a que horas
me tenha deitado, acordo. Estremunhado, olho para a janela, e tenho
os dias tenho a mesma visão infernal. O cortinado é de tecido vulgar
estampado, com enormes ramagens azuis, ocre e brancas, meio
Rousseau meio Japão. A claridade bate na cortina e eu vejo, primei-
ro um quadro muito belo, suave e atraente, depois um recanto da
selva, com ruídos e tudo, depois canaviais sussurrantes, depois man-
chas ameaçadoras e coisas ferozes. Reconheço, enfim, o cortinado, o
quarto tão familiar, os papéis em cima da mesa, e começo a sonhar.
Mas já não volto a dormir decentemente. Quando acordo, estou derre-
ado.

- Eu também só me levanto lá para as tantas. Últimamen-
te tenho tido insónias e desenho até alta madrugada. É raro le-

10
Confidência
Sua

Bom

vulgar

sem interesse

grande

me

ca

vantar-me cedo. - concordou o Tunhas.

- Cada manhã perdida é um cravo no meu coração. E, às vezes, está um dia tão belo e quente...

- Aceitaram os desenhos meus, sabes, uma grande revista. Uma página inteira.

- Fui ver duas exposições. Não percas o Ernst. É um fenómeno.

- Ah, sim. É o único que me deixa estonteado. É um demiurgo, um mistério permanente. Gostava de...

- Escrevi uma página sobre uma peça de Teatro. Qualquer coisa de enormemente satírico e mordaz. Quase se podia ouvir um raioso ranger de dentes enquanto os actores riam. A cultura ao serviço da náusea. De transformar um homem dos pés à cabeça. Tenho escrito... mas escrever é difícil...

- É um parto laborioso - declarou Tunhas - É como desenhar.

Mandaram então vir o segundo copo.

Segundo copo de vinho.

- A vida está cara - disse Tunhas.

- A quem o dizes. Eu só como uma vez por dia.

- Bem precisavas. Estavas gordo demais.

- Armazenei para os maus tempos -riu Artur- Bem me serve, agora. E se comesse nos restaurantes normais só me dava para uma vez por semana. Está tudo caríssimo.

- Eu como em casa. Tenho um fogãozinho. Sai mais barato.

- Estou cá a pensar num truque formidável. Não é o truque do Miller, claro, mas é parecido.

- Qual truque do Miller? - perguntou Tunhas - Ah, sim, o Henry... já me lembro...

- Já viste a quantidade de recepções, confraternizações, inaugurações, copos de água, ante estreias, vernissages, que por aí há, ao menor pretexto? É um mar de comensais e bebedorias. Pois como eu sou conhecido de meio mundo, vou aproveitar. Vou ser o convidado crónico. A dificuldade estará na escolha.

- A mim, o que me faz falta, - interrompeu o Tunhas - é

non he interessu
pelo outro.
O que interessa
O que o outro
faz

2º estágio
honível
honível
honível
desonível
do
participação
no fim.
Seria
previsão?
linguagem
vulgar
mas condiz com o
resto. Linguagem de baixo class média do século em 1963. Honível.

metade a metade
Honível. Pois que o resto

um apartamento. Isto de viver em quartos dá cabo de um homem. E depois, não posso trabalhar em sossego. É a cozinha, o quarto, a biblioteca, tudo numa salita. *Outro*

- E tens sorte - disse Artur - Sabes o que eu queria, agora? Era um ~~bon-fato~~ *outro* escuro e um smoking.

- Um smoking ? Para quê?

- Ora, para vista. A aparência é tudo. Achas que me aceitam nas ante-estrelas assim vestido? Era bonito... Até os porteiros me cuspiam em cima. *outro*

Beberricaram os últimos goles.

outro Com um apartamento podia receber. É bem preciso. Para um fulano como eu é preciso receber de vez em quando... ter contactos, autopublicidade, compreendas ? ...talento, talento... ora bolas, não chega. *uff já chega*

Terceiro copo de vinho.

- Vai uma partida na máquina automática ? - atirou o Tunhas.

- Eu tenho azar. Mas gosto de jogar.

- Diabo. Esta máquina é nova. Como é que se ganha, aqui ?

- Vamos ver. Jogas tu primeiro, ou jogo eu ?

- Joga tu.

- Passa-me aí o copo, por favor.

- Boa jogada - comentou o Tunhas, ao trazer o vinho -

Aqui ganha-se com mil e duzentos. ~~Vais lançado.~~ *Homem*
Aqui não há nem
- Repara no carvão que está ao balcão. Até dá traça a maneira como ele devora salsichas sem pão. *ferido*

- Ontem comi como um touro - disse o Tunhas, enquanto jogava - Um bife de meio quilo, depois peixe com couve flor, um litro de branco, doce, um café e uma cachimbada. Quando acabei de comer nem me podia mexer. Estirei-me na cama e fiquei assim toda a tarde.

- Não me faies em comer - disse o Artur - Fazes-me lembrar o tempo em que eu me deliciava com pratos exquisitos,

muita caça e especiarias. - riu - Até parecemos o Eça da decadência.

3º Jogo

nada
man

Como
Contraste

com as
falsas
- confidências

e a ausência
de

me e registo

mas valez
me a ausência

de certas
e até a
di vidine

em 2º Jogo
Bom

- Atenção - rugiu o Tunhas - Estás quase a ganhar. Mais um esforço, rapaz. ~~Aí está. Outro jogo. Bravo.~~

Quarto copo de vinho.

Começavam a ficar comunicativos, líricos, pouco críticos, adocicados, brilhantes, palavras loucas e apaixonadas.

- Na cidade ~~se~~ ~~está~~ ~~isolado~~ como um cão. Quase não tem amigos - confidenciou o Artur - Os encontros são breves e as palavras parcias. Nunca estive mais solitário do que aqui.

- Os amigos são raros - concordou Tunhas - Já lá vai o tempo em que eu aceitava qualquer um. Hoje ~~esteu~~ ~~duro~~. Escolho ~~os meus amigos~~. São raros os que me servem.

- É difícil ser amigo de alguém - monologou Artur - Exige uma dedicação muito grande, uma compreensão quase impossível.

- A vida de cidade torna-nos irritáveis e cruéis.

- Eu diria antes indiferentes e desconsolados. Não... desconsolados. É a palavra.

Fumaram mais um cigarro cada um, do maço do Tunhas, e envolveram-se em fumaça. Falavam ora para longe ora cúmplices, olhando-se.

- Deixa, que a maioria dos amigos que tive saíram-me uns grandes bandidos.

- Acreditas que a amizade é uma das formas que tomam as conveniências pessoais?

- Sim, acredito - respondeu Artur, sonhador.

- É um raio, - disse Tunhas - É um raio...

Quinto copo de vinho

- Vi ontem uma garota... Val um cigarro dos meus? São fortes... ~~dem~~ linda. Um ~~monumento~~. Uma espécie de pureza de linhas amulante. - disse Artur - Já não via uma harmonia assim há muito tempo.

- Ah! É a época. Tenho visto caca uma extraordinária. Este recomeço dos dias quentes atrai-as para a rua. Saem aos bandos. Até entontecem. que diabo! Aqueles turistas não se calarão?

- A mulher é a única chave da beleza do mundo - disse

4^{ta}
Amigos

desconsolados

mas interessa

por Jesus rejeita esta liberdade Jean

5^{ta}

Sem

Nunca

parafusos

Artur.

- Uma vez namorei uma rapariga extraordinária. Era sua ve como mais nada, nunca mais - declarou Tunhas - Marcou-me em bra sa. Mas tudo passa e também já nem recorde o seu perfume.

- Um dia destes alguém me disse que a mulher esquece mais facilmente. Estou para acreditar. Eu só estive apaixonado uma vez. Vá lá, sai o teu sorriso sarcástico... E bem queria esquecer. Mas não posso. A felicidade perdida é uma ferida, é uma flor que renasce a cada primavera. E as minhas primaveras são frequen tes - murmurou Artur, *sem nenhuma certeza!*

- Já disse ~~de~~ outro, antes de mim: nada do que é grande se faz sem paixão - consolou Tunhas - Não te abandones. Guarda o sa bor da tua paixão. Atingiste o génio, talvez... *não o problema de conteúdo mente SIMPLES*

- Não, não, o que atingi foi a simplicidade... Bem, se ca- *gustar* ~~itar~~ vem a dar no mesmo.

- Gostaria de morrer apaixonado - disse Tunhas. Mas as minhas paixões são cada vez mais fracas.

- Pois é - concordou Artur - As experiências matam a pai xão. E a cultura também.

- Ah, ~~isso~~ isso...

- Concorda, amigo... nós estamos mortos de cultura. É a nossa cruz.

Sexto copo de vinho.

- Sinto a pele endurecer a cada fracasso.

- Eu também - admirou-se Tunhas. *↑ repeti*

- Sou demasiado sensível, e cada fracasso é um pedaço de morte que se cola à minha pele e me torna rígido. Antigamente ~~tudo eu era pereção para as ciências. Agora estou cada vez mais in transigente e violento. A culpa é das derrotas. Até sinto o cére bro ranger, quando penso nisso. E nada posso fazer. E tu também não. És um tipo inteligente. A inteligência é um cancro que não perdoa.~~ *mas interesse* *é que?? parece impossível!* *Inteligentib??*

- Tens razão. É isso. Quanto mais sei menos posso transi gir com as futilidades, as cretinices ou as más intenções. Mas não as posso impedir. Tens razão... em cada hora, uma derrota. *Armed* *de humanidade ou não?*

CULTURA ???

Hammett
Eu te que
ainda o cérebro
deixar Coopy
estas afirmações
vidas de...
deixar - inteligência
como...

Está então Late Ineb.

- Em cada mulher uma traição, mesmo involuntária, em cada encontro um tiro, diluído ao coração.

- E afinal, o que é o amor? - perguntou Artur.

- Sei lá...

- E a glória?

- Sei lá...

- E a felicidade? - insistiu Artur.

- Sei lá.

- ~~Bolas~~ ^{outras palavras} - estoirou Artur - Afinal o que é a vida?

- Nem isso sei, meu velho. Não sei nada. Já soube, mas já me esqueci. Nem vale a pena pensar nisso. É tremendo.

Sétimo copo de vinho.

Era já muito tarde e o álcool actuava sobre eles, libertando-os do passado. Flutuavam num presente cómodo e confortável e podiam pensar no futuro. O sétimo copo de vinho, um branco meio seco da reserva especial, foi a chave do sonho e do delírio lúcido.

- Não quero morrer sem fazer nada de grandioso - disse Artur.

- Mas o quê? - perguntou Tunhas - O que é que se pode fazer que seja grandioso.

- Tudo, meu velho, tudo, a começar por viver. Tem fé em mim. Vou-me atirar à acção. Tenho o mundo à espera e as mãos vazias. E toda uma coragem para não me deixar vencer. Ah, Tunhas, o futuro é nosso.

- Prefiro o presente - disse Tunhas, com a voz ~~percebida~~ ^{é uma definição de delírio} arrastada - Sou um pratico. Hei-de ser grande, rapaz. Sei o que hei-de ser. Mas é este presente que me interessa. ^{na prática}

- Mesmo que nunca mais esteja em amor - disse Artur - ^{???} mesmo que nunca mais seja uma cor... ^{é uma definição de delírio}

- Às vezes sinto-me ~~denúncia~~, criador de flores, profeta de mim próprio. O meu corpo torna-se um arsenal de sonhos e violências, e cada gesto é uma sementeira de coisas extraordinárias.

Falavam vagarosamente e nem se ouviam bem um ao outro, misturando as palavras e prosseguindo pensamentos entrecruzados.

Baba

*7º
vaziam*

HORROR!

STOSSUR

- Quando me conhecer, bem poderei dizer todas as coisas espantosas que descobri e que só são claras nos meus sonhos. Ah, sonhos... Ah, manhãs brumosas...

- Mais dois - pediu o Tuhhas.

- Acabou-se - disse a velha por detrás do balcão, em voz cortante - Vocês dois são os últimos. A porta já está fechada.

- Bem, paguemos, então.

- É claro - articulou Artur.

Idelic - bom

forme - bom

Experimento - assim

Se ~~isto~~ fosse um diálogo de Platão haveria que dizer não o que era importante, selo e pertinente e o que era vulgar, frívolo, próprio de época e de lugar. Tira os tipos dum comportamento sublime. Entendes?

Mas não é do mais feliz. Em todo o caso comem a prosseguir esta sua velha idelic de explicar o mundo entre dois amigos sobre uma mesa de restaurante.